

## **O Sr. Mání, de A. B. Yehoshua: Ma ani? Mi ani?**

A. B. Yehoshua's *Mr. Mani*: Ma ani? Mi ani?

Berta Waldman \*

**Resumo:** O romance *O Sr. Mání*, de A. B. Yehoshua, é avaliado pelo teor experimental dessa obra, pela ousadia com que trata alguns temas lançados debaixo do tapete pela geração anterior, e principalmente, por tratar da participação dos sefarditas na formação do Estado de Israel.

**Palavras-chave:** Israel. Identidade. Sefardi.

**Abstract:** The novel *Mr. Mani*, by A. B. Yehoshua, is evaluated because of its experimental content, the audacity with which it treats some themes swept under the rug by the previous generation, and most importantly, because it addresses the participation of Sephardim in the formation of the State of Israel.

**Keywords:** Israel. Identity. Sephardi.

### **1 Preliminares**

Da geração de escritores que começa a publicar no final da década de 50, em Israel (Amós Oz, A.B. Yehoshua, Yoram Kaniuk, Amália Kahana-Carmon) destaco, neste artigo, um de seus principais representantes, Avraham Búli Yehoshua, e seu romance *O Sr. Mání* (em hebraico, *Mar Mani*) pelo teor experimental dessa obra, pela ousadia com que trata alguns temas lançados debaixo do tapete pela geração anterior, e principalmente, por tratar da participação dos sefarditas na formação do Estado de Israel.

Yehoshua nasceu em Jerusalém em 1937, filho de Yahakov Yehoshua, descendente de uma antiga família sefardita de Jerusalém e de mãe marroquina, que chegou a Israel com sua família em 1932. Estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém e ali se formou professor de literatura. Vive em Haifa, onde dá aulas na universidade, militando também em movimentos da esquerda israelense. Ensaísta, articulista, dramaturgo, na ficção, o “romance familiar”, é matriz recorrente na obra de Yehoshua desde o início de sua carreira, mas é só depois da morte de seu pai, um pesquisador da história das antigas comunidades sefarditas de Jerusalém e de seu folclore, em 1982, que o escritor se voltará mais abertamente para a temática identitária sefardita.

### **2 O Sr. Mání**

É essa temática que ressoa no nome de família Mání, onde se podem ouvir os ecos “*Mi ani?*” “*Má ani?*” (quem sou? o que sou?). Há uma regularidade composicional em sua organização, constituída de cinco partes ou “conversas” rigorosamente simétricas e compostas por uma voz neutra que introduz as biografias dos interlocutores, pondo-os, em seguida, em ação na “conversa” propriamente dita, complementada por um suplemento biográfico que se incumbe de indicar, em linhas gerais, o destino dos interlocutores após o encontro. Cada “conversa” apresenta, assim, um núcleo, o “diálogo”, que marca uma situação presente, sem nenhum suporte narrativo, e duas partes narrativas, que aludem ao passado e ao futuro, sem nenhuma interferência direta da fala das personagens.

Entretanto, apesar de cada “conversa” contar com dois interlocutores, apenas um fala. Este se apropria fragmentariamente da fala do outro, orientando o caminho discursivo, imprimindo-lhe um ritmo e uma direção. Trata-se, assim, de um diálogo monológico ou de um monólogo dialógico, onde um interlocutor neutralizado no nível da linguagem funciona como mola propulsora do discurso do outro, sendo mantido, no entanto, calado. Como nunca se tem a fala do segundo interlocutor é difícil

estabelecer de forma absoluta os sentidos de cada uma das “conversas”. Afinal, o que o primeiro interlocutor retoma da fala de seu parceiro corresponde a uma seleção que interessa para a formulação de seus próprios argumentos.

Por outro lado, a moldura da “conversa”, seus suplementos, mantém-se sempre fora da situação cênica. Sua função é a de apresentar, alinhar e fazer o corte, isto é, estabelecer os limites do episódio.

Cada uma das “conversas” e os acontecimentos nelas narrados são localizados em períodos históricos e espaços geográficos específicos, organizados cronologicamente ao contrário, isto é, do presente ao passado: Israel moderno durante a Guerra do Líbano (1982), a ilha de Creta durante a ocupação nazista (1941-1944), Jerusalém durante a Primeira Guerra Mundial (1918), Jerusalém e Polônia durante o Terceiro Congresso Sionista (1899) e o Império Otomano (Grécia e Palestina) da primeira metade do século XIX (1846-1848). Como se pode deduzir a partir das datas selecionadas, o romance apresenta a história da formação do Estado de Israel a partir da diáspora, passando por sua fundação para chegar até 1982, momento de crise escolhido para retornar ao passado. Atravessando as cinco partes, constrói-se uma saga em torno de dez gerações da família Mání, no reverso da ordem cronológica, em obediência a uma linha anti-histórica geradora de descontinuidades, que pede, por sua disposição particular, uma leitura arqueológica, isto é, do plano visível e próximo para o invisível e longínquo, tropeçando em diferentes extratos à mostra ou encobertos. Daí a proliferação, no romance, da expressão “na direção contrária”, *há kivun há negdi*. Contrária a quê? A resposta incide, entre outras possibilidades, na escolha do autor em retratar a moderna história judaica tendo por foco principal um grupo cuja trajetória não pertence ao cânone historiográfico oficial do Sionismo, os judeus sefarditas, forjando, assim, a direção contrária, a contramão desta mesma historiografia.

Se o que se procura é um rumo diferente que subjaz à história oficial, tem-se aí uma boa resposta para o silenciamento dos interlocutores das cinco “conversas”. Aqueles que calam representam sempre a ideologia dominante em cada um dos períodos focados. Assim, suas falas não ofereceriam surpresa, pois seriam sempre ilustrações dos códigos que as constituem. Aquele que fala, no romance, em contrapartida, introduz um elemento novo e particular, pondo em xeque o lugar comum, que, assim, sofrerá abalo. Em outras palavras, só fala o sujeito que arrisca uma posição que advém da experiência pessoal, contrariando o silêncio que esconde as formas do oco e do vazio, um silêncio que, neste caso, significa que não há o que dizer para além do que já está dito pela ideologia. Nas cinco “conversas” teremos cinco dramas pessoais, temperados com os dramas mundiais (Niza ben Dov). Embora cada uma das partes toque nos acontecimentos principais de cada período, não é neles que está centrado o foco, mas nas ações dos sujeitos específicos e no modo como se relacionam com os vários Mání que têm em comum a solidão, o desajuste em relação a seu meio e a fixação na morte. Assim, o leitor tem de se ligar ao macro cenário histórico e também em suas repercussões na vida do sujeito que apresentará sempre outras opções de pensamento e de ações no interior de um único sistema.

Por seu lado, os interlocutores que se deixam impressionar pelo contato com cada um dos Mání, sua fatalidade e especificidade, sendo tocados por seu fascínio, carregam também em suas entranhas a marginalidade dessa figura, seja por suas características, seja pelo destino compartilhado com ele, seja por qualquer tipo de identificação, de modo que os Mání e esses enunciadores que falam sobre eles formem uma só família. Mas façamos um recorte ligeiro da primeira “conversa” para estabelecer a crise que ela detona e que será rastreada nas demais partes do romance.

A personagem que fala é Agar Shiló. Nascida e criada num kibutz do Neguev, educada numa escola regional e agrária e recém egressa do exército, a personagem só conheceu a vida em coletividade regida pelos princípios do Sionismo, em sua feição sócio-coletivista, e do Halutzianismo. O relato do encontro com Gavriel Mání é o núcleo dessa conversa entrecortada que a jovem mantém com a mãe, Yael Shiló, por telefone e, em seguida, pessoalmente no kibutz Mash’abei Sadeh.

Nesta “conversa”, Yael é a porta-voz da ideologia kibutziana. A idealização de valores da vida comunitária instituiu-se como um de seus mitos fundadores, mantendo-se como um dos núcleos de identificação com o país. Embora a colonização judaica cedo ganhasse características de uma colonização urbana e cosmopolita, mais condizente com as características da diáspora européia, essa característica só ganha visibilidade quando o processo de reconstrução nacional já estava mais adiantado. Assim mesmo, a narrativa sionista manteve por muito tempo o kibutz como um dos elementos preponderantes da identidade israelense e da própria imagem do país perante as outras nações.

É interessante observar que quando Agar chega a Jerusalém, encontra a cidade enevoada e desce do ônibus no ponto errado. Perdida, ela começa a ver uma cidade diferente da oficial para a qual era sempre trazida desde pequena: o Monte Herzl, o museu Yad Vashem, os emblemas e túmulos dos antepassados, os desfiles e bosques, enfim, o conjunto que conduzia de imediato para o passado histórico oficial da nação, erigido como um estereótipo. O estranhamento em relação à cidade prepara-a para captar a singularidade de Gavriel Máni, que ela vai tentando decifrar aos poucos. A jovem vai descobrindo na cidade outras formas de organização comunitária, desconhecidas para ela. Ela percebe a linha divisória entre as duas populações locais (judeus e árabes), entre judeus ultraortodoxos e laicos. A falta de diálogo entre os diferentes segmentos da sociedade israelense são ressaltados nessa primeira parte, embora não constituam um fenômeno pontual. Os mesmos problemas manifestam-se em todos os períodos da nova colonização judaica na Palestina, desde os primeiros contatos entre os colonos asquenazitas e os judeus sefarditas que formavam a base do Velho Ishuv, já no final do século XIX. A complexa relação entre ortodoxos e laicos também lança raízes no passado. É esse cadinho de problemas que o autor releva a partir da primeira “conversa”.

É na quinta e última “conversa” que se apresenta a matriz da família Máni e a primeira chegada de um membro dessa família a Jerusalém. Do ponto de vista formal, apenas aqui fala um representante da família Máni, sendo seu monólogo a pedra fundacional das gerações vindouras. Em três partes, ele é visto como uma figura particular contada por um interlocutor asquenazita, e, numa parte, por um soldado alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, todo o mundo sefardita, no romance, está fora de si, dependente daquele que vê e narra, diretamente tributário das técnicas de representá-lo, que o tornam visível, claro e “lá”, no discurso sobre ele. Porque está lá, distante, ele se torna o outro, aquele que provoca estranhamento ao marcar sua diferença.

A quinta “conversa” ocorre numa hospedaria da cidade de Atenas, em 9 de dezembro de 1848. Dela participam Avraham Máni, nascido em Salônica, Turquia, em 1799, Flora Hadaya, nascida em Jerusalém, em 1800 e o Rabino Shabtai Hananiya Hadaya, nascido em data desconhecida, a bordo de um navio procedente do Oriente. Yossef Mani viaja a Jerusalém para se casar.

Transitar entre as grandes cidades do Mediterrâneo – Salônica, Istambul, Beirute, Jerusalém – à margem da dinâmica política soprada da Europa, compõe o retrato sócio-histórico do mundo sefardita apresentado nessa parte do romance. Assim, Yossef, filho de Avraham, nasceu em Salônica, passou a juventude em Istambul, conheceu a noiva em Beirute e se casou em Jerusalém, onde trabalhará como guia, profissão exercida por outros membros de sua família que transitarão igualmente por cidades, países e idiomas. Em Jerusalém, ele perambulará pelas ruas com a missão de lembrar aos árabes que eles são “judeus que esqueceram que são judeus”, até que numa procissão de peregrinos russos é assassinado. O pai confirma sua impressão de que a nora era virgem e para preservar a memória do filho e criar uma descendência para ele, comete incesto com ela. Terão um filho, a quem será atribuído o nome Moshé.

- Dei-lhe o nome de Moshé Haim, esperando que seja um novo começo.
- Não, não o nome do pai. Basta-me o nome que me coroa antes e depois

como uma maldição. Cansei-me dos nomes dos falecidos que carregam a lembrança da derrota e do fracasso; desdenhei o livro de Gênesis e fui para frente, para o livro de Êxodo, tomei o nome Moshé em toda sua simplicidade. (p. 325-326)

Com Moshé inicia, no romance, uma estreita relação entre árabes e judeus, visível na quarta “conversa”, protagonizada por Moshé Mani e dois irmãos poloneses no cenário do III Congresso Sionista, na Basileia, Suíça. Moshé Mání, médico em Jerusalém, para ali se dirige com a finalidade de captar verba para manter sua clínica de ginecologia e obstetrícia, empreendimento metafórico da nova etapa do desenvolvimento da Palestina enquanto território não apenas judaico, mas pluriétnico, já que sua clínica inovadora atendia indistintamente mulheres árabes e judias. Sua empresa em trazer o capital judaico da Europa para Jerusalém alude a um movimento histórico análogo que tem por agentes os novos colonos a partir da virada do século XX, que criou uma infra estrutura adequada ao país quando ganha sua independência em 1948. Porém, se o projeto do dr. Mání visava ao desenvolvimento da região englobando todas as etnias e credos religiosos que formavam a população do Velho Ishuv, o projeto dos colonos foi um empreendimento exclusivamente judaico.

Quanto ao motivo sionista que une as três personagens, ele funciona como mero pretexto, no romance. Enquanto de um lado vigora uma percepção romantizada da realidade judaica e palestina, de outro, a vida dos Mání flui na Palestina, tomando outras direções.

É o que se verá na terceira “conversa”, onde o filho de Moshé Mání responde a um processo, em 1918, durante o mandato inglês na Palestina. é o promotor judeu-inglês Ivor Stephen Horowitz, em serviço junto à armada inglesa, que apresenta o caso ao juiz Coronel Woodhouse. Yossef Mání, filho mais velho de Moshé, é o réu encarcerado numa prisão na Palestina à espera de julgamento. De certo modo, o filho prossegue o empreendimento do pai, no sentido de manter com os árabes uma relação positiva, mesmo que para isso tivesse que cometer atos contrários à lei local. Yossef arma um projeto político ideológico para sua vida, voltado à distribuição e divisão da Palestina entre as etnias que formavam o Velho Ishuv. Em suas andanças, resolve contrabandear informações dos ingleses aos árabes e em vez de traduzir e divulgar os discursos dos ingleses, faz seu próprio discurso, incitando os árabes a tomar posse da terra, informando a eles, em língua árabe, a Declaração Balfour (1917) que dava o aval britânico para a reconstrução do lar nacional dos judeus. Aplica-se didaticamente a educar os árabes incitando-os a reivindicar o seu direito à terra.

Entremeando as relações inter-étnicas, arma-se o confronto intra-étnico entre um promotor inglês e judeu que fica fascinado com a excentricidade e a força de convicção do réu, ao mesmo tempo em que não deseja dar aos outros a impressão de estar beneficiando por ser judeu. Diante desse impasse, monta-se um quadro que será central na estrutura de significados da próxima conversa e diz respeito ao modo como o judeu se enxerga e como ele é visto ou supõe que é visto pelo outro, questão identitária protagonizada na segunda conversa. Ela ocorre em Hiraklion, Creta, em 1944, quando as forças de ocupação nazistas estão prestes a deixar a ilha, devido ao avanço dos exércitos aliados. é nesse contexto que o soldado alemão narra seu encontro com a família Mání: Yossef, o que se salvou da pena de morte na conversa anterior e é deportado para Creta, seu filho, sua nora e o neto Gavriel, que será o juiz protagonista da primeira “conversa”. Conste que essa é a única parte do romance de que Jerusalém fica fora e em que não é um judeu que fala e sim um alemão filho de nazistas, educado no espírito dessa ideologia, que, por condições particulares relacionadas à sua origem e à sua chegada a Creta porá em xeque o nazismo, mas não a supremacia racial teutônica e o papel a ela destinado na história dos povos. Como Agar que, na primeira “conversa”, perde o ponto de ônibus onde deveria descer e com isso ganha uma visão particular de Jerusalém, o paraquedas de Egon é arremessado para além das ruínas de Knossos, e, ao se perder, entrará em contato com os Mání. O dado importante a ressaltar é que ele não os identifica como judeus, tomando-os como nativos, fator de desmistificação

do estereótipo nazista sobre os judeus. Vejam-se, a propósito, os seguintes comentários, o primeiro sobre o filho, o segundo sobre o pai da família Máni:

E justamente o filho/.../que parecia ser um dos nossos, bonito e claro, com feições agradáveis, ele é que foi tomado por um grande pavor pela minha Schmeisser apontada para ele; (p. 114)

Sim, vovó, um tipo melancólico e rígido, mas eficiente e decisivo, a ponto de eu suspeitar que ele tivesse um pouco de sangue alemão. (p. 123)

O mais destabilizador para o soldado nazista foi ouvir de Efraim, o filho, que tinha sido judeu, mas havia deixado de sê-lo. Já cancelei isto... Ora, pensa Egon depois de muitos malabarismos mentais e obsessivas investigações, se é possível desfazer-se da casca da história e voltar ao ponto inicial e ser apenas um ser humano, um homem novo livre das fronteiras nacionais e étnicas, também o nazismo poderia ser cancelado. Por outro lado, o “homem novo” referido no romance pode apontar ambigualmente para duas direções: o homem alemão proposto pelo nazismo com todos os atributos nossos conhecidos, mas também o homem novo significado pelo Sionismo: o novo hebreu na nova pátria. Há quem veja, e com razão, nesta parte, uma alusão aos canaanitas que negavam a importância da diáspora judaica e sua cultura acumulada na construção da identidade nacional israelense. O certo é que esses deslizamentos identitários ocupam lugar central nesta conversa. Se o homem novo projetado pelo nazismo é desautorizado na figura de Egon, aquele que cancela seu judaísmo é morto com todos os judeus da ilha, apesar de ser o filho adotivo não judeu entregue ao misógino Máni que o criou.

## Conclusões

A saga da família sefardita não se apresenta idealizada no romance para sobrepor-se ao ethos eurocêntrico asquenazita: a bastardia lança sombra sobre sua tão alardeada pureza, e as personagens que a representam não podem ser consideradas modelares. O que o romance sim sugere é que a ligação sefardita natural e atávica com a Terra de Israel e sua aproximação identitária e cultural com os árabes são elementos que podem propiciar uma renovação na identidade nacional de Israel e uma solução para a crise que ela vem sofrendo desde os primeiros anos da década de 1980, devido ao colapso da ideologia e ao constante estado de tensão intra e inter-étnica. Vale ressaltar também que, não por acaso, a primeira personagem que fala no romance é Agar e a última, Avraham, posições estratégicas que armam uma moldura sugestiva da inscrição originária da condição do estrangeiro no judaísmo. Com Avraham começa a história dos patriarcas e do povo hebreu, no nó de um desenraizamento, pois a ordem divina é a de que ele saísse de sua terra, da casa de seu pai para outro lugar, Canaã, onde geraria um povo. Canaã é a terra de seu povo, mas ele mesmo permanecerá desenraizado por toda a vida. Como Sara era estéril, ela cede Agar, sua escrava egípcia, para procriar com Avraham e dessa união nasce Ismael, que não herdará de seu pai e será desenraizado do tronco genealógico de Israel e da terra onde nasceu, para dar origem a outro povo – o árabe . é esse par ancestral Avraham e Agar e não Avraham e Sara que dão o amparo estrutural ao romance, para lembrar uma linha de parentesco entre dois povos e frisar a herança da condição de estrangeiro que se estende ao longo dos séculos na experiência diaspórica judaica.

-----

\* **Berta Waldman** é Professora Titular de Literatura na Universidade de São Paulo e Professora Colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do CNPq e autora de, entre outros títulos, *Entre passos e rastros*, 2003, e *O teatro ídiche em São Paulo*, 2010.

## Referência

YEHOSHUA, A. B. *O Sr. Mani*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1992. YEHOSHUA, A. B. *Mar Máni*. Jerusalem/Tel Aviv: HáSifrah HaChadashá/Hakibbutz Hameuchad, 1990.